

TATUAGEM E AMOR NO CÁRCERE - IDENTIDADES FEMININAS APRIOSIONADAS.

Ivaneide Nunes Paulino Grizente; Orientador: Dra. Regina Maria da Costa Macedo Dantas

(UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e Técnicas em Epistemologia – HCTE/UFRJ
hcte@hcte.ufrj.br.

Resumo do artigo: Este trabalho tem como objetivo demonstrar o sentido de pertencimento ligado a subalternidade feminina através das tatuagens de detentas, motivado por questões levantadas no filme o “prisioneiro da grade de ferro” e no documentário “se eu não tivesse amor”, e por uma visita ao museu do cárcere na cidade de São Paulo. Assim, foi realizada uma pesquisa qualitativa quanto aos fins trata-se de uma investigação exploratória e quanto aos meios a pesquisa mescla distintos métodos: pesquisa de campo a partir da visita ao museu do cárcere; Investigação documental em filme, documentário e fotografias, e também pesquisa bibliográfica. O referencial teórico está constituído abordando os seguintes temas: o uso do corpo enquanto expressão de linguagem - que marca as diferenças entre os grupos sociais; Tatuagem - breve conceito histórico e seu surgimento como produto da moda, expressão de gênero e ligada a criminalidade; Tatuagem e ambiente carcerário - enfatizando as técnicas utilizadas e o seu significado peculiar no interior das cadeias; Detentas e o significado de pertencimento ao homem - discutindo o pertencimento através de suas tatuagens. O resultado do estudo é a constatação que detentas tatuam os nomes de seus companheiros de forma artesanal e perigosa pois utilizam materiais não apropriados dentro da unidade prisional colocando em risco sua saúde, e marcando seus corpos representando aprisionamento para com seus companheiros.

Palavras-chave: Tatuagem, Detentas, Pertencimento.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the sense of belonging linked to the female subalternity through the tattoos of inmates, motivated by issues raised in the film "prisoner of iron grid" and in the documentary "if I had no love", and a visit to the Prison museum in the city of São Paulo. Thus, a qualitative research on the ends was an exploratory investigation and as to the means the research mixes different methods: field research from the visit to the museum of the jail; documental research in film, documentary and photographs, as well as bibliographical research. The theoretical framework is based on the following themes: the use of the body as an expression of language - which marks the differences between social groups; Tattoo - a brief historical concept and its emergence as a product of fashion, gender expression and linked to crime; Tattoo and prison environment - emphasizing the techniques used and their peculiar meaning inside the chains; You stop and the meaning of belonging to man - discussing belonging through his tattoos. The result of the study is the realization that you have to tattoo the names of your companions in a traditional and dangerous way because they use inappropriate materials inside the prison unit, putting their health at risk, and marking their bodies representing imprisonment for their companions.

Keywords: Tattoo, Prisoners, Belonging

Introdução

A discussão sobre gênero tem sido objeto de muitos estudos e pesquisas acadêmicas nos últimos tempos, isso permite que o tema ocupe um espaço cada vez maior no ambiente científico e movimentos educacionais, sociais, políticos e religiosos. Nessa mesma conjuntura encontra-se também a história da mulher, que baseado no senso comum, culturalmente remete a um sentido de fragilidade e brandura, quase sempre ligado ao sentido de pertença a um homem.

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

Inserido nesse contexto, emerge outro elemento: o corpo, que se destaca sobretudo pela ligação com a aparência das pessoas (FONSECA, 2009), e com seu uso como condição de pertencimento a ordem vigente social relacionada com a ditadura do culto ao corpo (GOLDEMBERG 2002).

Isto está intimamente ligado com as modificações corporais que representam as práticas através das quais o indivíduo marca sua presença no mundo. Assim o corpo é visto como marca social; essas marcas podem ser de acréscimo, remoção ou deformação (LE BRETON, 2007).

Aqui, o foco no momento são as marcas de acréscimo, e uma das formas mais comuns de fazê-lo é através da tatuagem, que assume assim, um caminho para a construção da subjetividade, o que tem a ver também, com o ato de marcar no corpo, algo que distingue e identifica. Além disso, a tatuagem assume também uma vertente de significações e linguagens diversas; estabelece ligação com a moda (LEITÃO, 2001); com expressão de gênero (OSÓRIO, 2006) e com a criminalidade (RIBEIRO e PINTO, 2013). É sob esse contexto, permeado por moda, gênero e criminalidade que o presente estudo se propõe a discutir o sentido de pertencimento da mulher detenta ao homem, através de suas tatuagens, elegendo como objeto de estudo a tatuagem no ambiente carcerário.

Vale esclarecer que o estudo encontra algumas motivações em trabalhos anteriores, cujo tema central destaca as Tatuagens, onde, emergiu duas vertentes distintas: o universo feminino e o significado das tatuagens no ambiente carcerário, temas estes tratados superficialmente, por não ser naquele momento o foco da pesquisa e posteriormente, aprofundado com visita realizada ao museu do cárcere na cidade de São Paulo, onde foi realizada coleta de dados importantes sobre o tema. Além disso, as informações oriundas do filme o “prisioneiro da grade de ferro” e do documentário “se eu não tivesse amor” (ambos disponíveis no site *Youtube*), também forneceram dados importantes como por exemplo a constatação que muitas detentas foram presas por terem sido flagradas portando drogas em visitas aos seus parceiros na prisão

O objetivo geral do presente estudo é demonstrar o sentido de pertencimento ligado a subalternidade feminina através das tatuagens de detentas, e como objetivos específicos: analisar o corpo como expressão de linguagem; entender como é realizada a tatuagem dentro do presídio e interpretar o significado de pertencimento da mulher detenta através da tatuagem.

A relevância do estudo se justifica pela possibilidade de aplicabilidade prática nas discussões sobre igualdade de gênero e a situação das mulheres em ambiente carcerário, ambiente este, feito por e para homens. (CERNEKA, 2009), o que de antemão já as coloca em estado de subalternidade.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais – IBCCRIM, apenas 7% das prisões brasileiras têm estrutura adequada para receber mulheres presas. Ademais, provavelmente, elas carregam em seus corpos, marcas culturais, o que torna o estudo atrativo e fascinante.

Metodologia

Este é um estudo de natureza qualitativa e que baseado na taxionomia de Vergara (2013), quanto aos fins trata-se de uma investigação exploratória, pois há pouco conhecimento acumulado e/ou ordenado, portanto, encontra-se no nível de exploração e sondagem.

Quanto aos meios baseado a pesquisa mescla distintos métodos: pesquisa de campo a partir da visita ao museu do cárcere, Investigação documental, uma vez que foi realizada investigação em filme, documentário e fotografias, e também pesquisa bibliográfica.

A pesquisa de campo nas palavras de Gonsalves (2001, p.67), [...] *pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]*. A visita ao museu do cárcere forneceu informações rica em detalhes no que tange ao ambiente carcerário.

A Investigação documental, se deu através do filme e do documentário, o que forneceu subsídios relevantes e que foram reforçados através de pesquisa bibliográfica que Segundo Gil (2002, p.44), “[...] *a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos*”. Assim, foi elaborada a pesquisa acrescentando também as páginas eletrônicas.

Resultados e Discussão

Corpo como expressão de linguagem

“A partir do início do século XX até os anos 1960, o arcabouço da área da sociologia faz diversas descobertas relacionadas ao corpo. [...]” (LEBRETON, 2007. P. 12). Sem dúvida, ele representa um importante elemento de ligação entre o indivíduo e a arte, desde os primórdios até os dias atuais. (SILVA, 2007 P. 4), afirma:

Na arte indígena e primitiva, o corpo humano caracterizava-se como a manifestação suprema das atividades artísticas. Os

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

indivíduos ressaltavam sua beleza, superavam seus medos, faziam rituais revestindo seus corpos de atributos e objetos, modificavam-se tornando outra pessoa, como se a mudança estética originasse uma mudança interior.

Assim, é possível afirmar que o corpo já na era primitiva significava o mais importante meio de expressão para o povo indígena, inclusive estabelecendo relações com a espiritualidade, ao acreditarem que através dos rituais e arte no corpo, poderiam transformar também seu interior. De acordo com Zanini (1983), a arte corporal indígena abrange todos os membros das tribos, para os índios, o corpo faz o papel de uma tela, na qual eles pintam e modificam com muito zelo.

Em pleno século XXI, modificações corporais estão em voga, parece controverso, afinal vivemos atualmente uma era digital. Mas afinal, o que leva as pessoas a fazerem uso de técnicas milenares para modificarem seus corpos? Existe um vazio? Assumindo que o individualismo é um fator constante na sociedade moderna, o vazio a que faço alusão diz respeito à busca incessante por seus pares, e em se tratando de detentas este quadro pode se agravar, inclusive pela suscetibilidade do ambiente carcerário.

Tatuagem

De acordo com Marques (2007), existe a evidência concreta da existência da tatuagem na pré-história, pois foi encontrado na Itália, em 1991, um corpo congelado, o “homem de gelo” datado de 5.300 anos a.C., que, segundo Marques, tinha tatuagens na região lombar, no tornozelo direito e joelho esquerdo.

Ainda de acordo com o autor, no Egito antigo, os vestígios da tatuagem são observados na Mongólia de 400 a.C., mas foi nas Ilhas da Polinésia, no sul do Oceano Pacífico, que a prática da tatuagem foi bastante aceita, através de tribos que usavam ossos pontiagudos para tatuar o corpo inteiro, inclusive o rosto. Era o rito de passagem de menino para guerreiro, ou da menina para esposa. No século XVIII, essa era uma região explorada por marinheiros, que se encantaram pela prática e foram, aos poucos, levando a tatuagem para os portos europeus e assim disseminando-a e começando sua história.

A tatuagem, na contemporaneidade, vem ganhando novos formatos e sentidos ao ser usada socialmente, pois é cada vez mais frequente ver corpos tatuados em diferentes esferas sociais, praticamente sem restrições de gênero idade ou *status*. A tatuagem deixou de ser uma prática peculiar à marginalidade e começou a se configurar sob novas conjunturas sociais, ganhando outros significados (OSÓRIO, 2006). O fato é que mesmo considerada mercadoria ou produto da moda (LEITÃO, 2001); expressão de gênero (OSÓRIO, 2006); ligada a criminalidade (RIBEIRO e PINTO, 2013), a tatuagem

também possui um sentido de signo que permeia a vida dos indivíduos de diversas formas durante suas existências – cada um atribui-lhe um significado, uma razão para que fique impresso no corpo um fato ou alguém marcante.

Tatuagem e ambiente carcerário.

Para Michel Foucault (2000), a disciplina mantida nas prisões para moldar os corpos dos indivíduos, nos dá uma visão clara dos processos desenvolvidos no cárcere, a exemplo do que ocorre em seminários, quartéis, escolas, locais em que a supressão do tempo é coadjuvante no processo de condicionamento identifica o processo pautado pela dominação do sistema e pela sujeição dos seres humanos.

Para o autor, as práticas disciplinares que tornam os homens domáveis (e porque não dizer domesticáveis), próprias da prisão, extrapolam a trajetória daquele meio, se constituem como estratégia de poder, e alcança todos os membros da sociedade onde se encontra contextualizada.

Assim, é possível concluir a existência do paradoxo da realidade e do modelo coercitivo de reintegração que o aprisionamento proporciona, na medida em que enquanto o sistema carcerário busca diminuir e conter a criminalidade, na realidade passa a contribuir para a manutenção dela, como uma sucessão ininterrupta e infinita. Isso, remete a profundas reflexões acerca do que se sabe acerca das práticas realizadas no ambiente carcerário e a humanização delas.

Nessa perspectiva o cárcere emerge como ambiente de destaque para a tatuagem, pois ele tem grande importância a ponto de ser conhecida como “flor do presídio” (GROGNARD apud FONSECA, 2003) e, nesse cenário, a tatuagem era comum e totalmente amadora porque não havia um processo de aprendizado, ou melhor, o processo acontecia com a prática, era tentativa e erro. Tratava-se, portanto, de um público cativo: mais da metade de sua população tinha tatuagens (LE BRETON apud FONSECA, 2003).

Ribeiro e Pinto (2013) lembram que historicamente, a tatuagem estabelece forte ligação com o submundo do crime, uma vez que o surgimento da tatuagem veio sobretudo para identificar presos. Muito embora isto tenha se modificado e a tatuagem, ao longo do tempo, tenha adquirido outros significados, ela parece que ainda é usada de forma incisiva nos ambientes carcerários. Os autores pontuam o significado das tatuagens na cadeia, e aqui citamos alguns como por exemplo: uma estrela de

cinco pontas indica que o tatuado é autor de homicídios; já três sepulturas significam que a pessoa tem o corpo fechado e guarda segredos sem jamais divulgá-los.

Uma caveira com punhal sobreposto indica assassino de policiais, normalmente disfarçada entre outros signos; a borboleta indica homossexualidade; dois pontos na mão (em qualquer uma) indicam esturador; três pontos em forma de triângulo significam estar envolvido com o tráfico de drogas; vários pontos formando um “x” indicam que o indivíduo é chefe de quadrilha ou facção criminosa.

Ribeiro e Pinto (2013), relatam também que notaram de forma incisiva, no ambiente carcerário, a existência de desenhos com imagens religiosas, onde o rosto de Jesus Cristo desenhado no peito indica presos que praticaram latrocínio; uma pinta no rosto significa um homossexual passivo, geralmente tatuado na lateral do rosto.

Diante disso, é possível observar que a tatuagem, nesse cenário, assume uma linguagem codificada, inclusive alguns desenhos mesmo iguais sugerem significados e símbolos diferentes quando acrescidos de pequenos detalhes como tamanho e/ou local do corpo onde o indivíduo é tatuado.

Acrescentando dados aos estudos acima mencionados, a história da tatuagem ligada ao crime, bem como as técnicas utilizadas para serem realizadas dentro das cadeias, encontra-se bem documentada através de vasto material, no Museu do Cárcere localizado na cidade de São Paulo, como parte integrante da história das cadeias da cidade, sobretudo o extinto complexo penitenciário do Carandiru, inclusive o museu é localizado no mesmo espaço antes ocupado pelo presídio, conforme resumidamente é ilustrado a seguir.

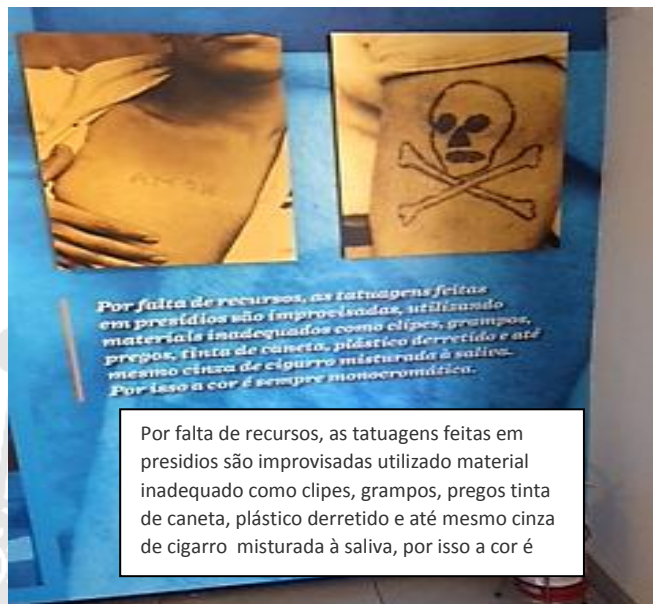
Figura 1 Museu do cárcere localizado na cidade de São Paulo



A figura acima é a Fachada do prédio do Museu do Cárcere, um ambiente amplo, visualmente agradável, colorido e bem diferente do que naquele espaço, um dia funcionou, o Carandiru. As visitas são organizadas, e no caso de grupos, é necessário prévio agendamento. Existe uma recepção, espaço para guarda-volumes e recolhimento de documento de identidade dos visitantes, devolvidas ao final da visita.

Existem guias durante toda a visita, estes, explicam cada setor do museu com riqueza de detalhes.

Figura 2 - Painel exposto no museu do cárcere



O espaço destinado a história das tatuagens de cadeia, é o primeiro logo na entrada do museu, uma sala ampla com painéis expostos nas paredes, e a projeção de filme produzido dentro do presídio – “o prisioneiro da grade de ferro” - sobre o cotidiano dos presos sob todos os aspectos e inclusive depoimentos e imagens de como são feitas as tatuagens dentro da cadeia.

Figura 3 – painel exposto no Museu do cárcere



Painel expostos no museu, elaborado a partir de fotografias dos presos, reproduzidos para a modalidade painel, composto por frases de efeito que constituem a história e (parece) sentimento dos presos.

Figura 4 - máquina de tatuar confeccionada pelos detentos



De acordo com relatos de presos no filme “prisioneiro da grade de ferro” o qual é exibido continuamente no espaço destinado a história da tatuagem de cadeia, a máquina é confeccionada utilizando um aparelho de barbear, ponteira de caneta, pedaços de material restantes das marmitas nas quais são servidas as refeições , e tudo que tinham acesso e poderia ser utilizado na improvisação das máquinas, conforme se pode observar através da fotografia em figura 4 e aqui, um parênteses para a criatividade dos detentos, que, utilizando os mais variados e disponíveis materiais, conseguem fabricar tal máquina.

Detentas e o sentido de pertencimento ao homem

O tema da desigualdade entre homens e mulheres é um fator histórico nas diversas sociedades. Segundo Burckhart (2013), desde a antiguidade a mulher era tratada como um indivíduo inferior ao homem, em consequência das várias crenças religiosas que legitimavam tal perspectiva e que se sustentavam pelos costumes sociais, sobretudo na sociedade hebraica que tinha como principal característica, o patriarcado e também pela hierarquização das relações sociais.

Burckhart (2013), lembra também que Aristóteles, um pensador do século III a.C. já dizia, contrariando Platão, que a mulher deveria ser submissa ao homem e que tal submissão é um fator natural inerente ao ser humano, não podendo ser alterado, sob pena de alterar-se a natureza. No entanto, o autor refere-se a sociedade hebraica, a Aristóteles e a antiguidade, assim, pode-se pensar que são pensamentos e atitudes ultrapassadas, porém, a realidade tem mostrado que isso pouco foi alterado, e que nos dias atuais ainda existem circunstâncias que envolvem grande submissão da mulher, e que isso

passa por conceitos como poder, (in) segurança e dependência.

Giddens ao se referir a essa dependência cunhou o termo co-dependência, e nesse sentido diz: “Uma pessoa co-dependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas carências; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros. [...]” (Giddens, 1992:101-102)

É inegável que ainda nos dias atuais existem mulheres co-dependentes, e que suportam violência de seus companheiros. Outras se submetem a atos insanos em nome da manutenção de um relacionamento muitas vezes insustentáveis e doentios. Sem dúvida, esta é uma realidade que pode ser comprovada inclusive pela necessidade de iniciativas por parte do poder público tais como delegacias especializadas no atendimento a mulheres e a própria criação da Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que tem a denominação popular de “Lei Maria da Penha” em homenagem a uma mulher de mesmo nome, vítima de violência doméstica por parte do marido. A Lei foi promulgada no ano de 2006, portanto nos dias atuais.

A partir da interpretação do documentário “Se eu não tivesse amor” o qual afirma que 90% das mulheres detentas no presídio Talavera Bruce no RJ, lá estão por envolvimento com drogas através de seus relacionamentos amorosos, reforça a inquietação e a motivação de se pesquisar o sentido de pertencimento da mulher ao homem utilizando o próprio corpo através da tatuagem.

Nessa perspectiva, Araújo (2005), afirma que no Japão antigo, prostitutas e cortesãs marcavam no braço o nome de seus amantes, e no cotovelo, o número de pontos igual à idade deles. Um outro antigo costume do Japão do século XVII, era o uso da tatuagem como linguagem usada entre os amantes, escrita em japonês ou com ideogramas chineses na pele, o que indicava que o amor entre eles seria forte e duradouro.

Assim, a relação das mulheres com a tatuagem parece ser bastante antiga: *Betty Broadbent (1909-83), a Lady Tattoo, começou sua carreira no final dos anos 1920. No Ringlind Bros. Barnum & Bailey Circus, e exibiu-se até 1967.* (ARAÚJO, 2005 p. 49). Sua exibição no circo era famosa justamente por ter o corpo totalmente tatuado. Ela foi considerada a mulher tatuada mais fotografada do século XX. Em 1981, Broadbent foi a primeira pessoa a ser introduzido no *Tattoo Hall of Fame*.

Araújo (2005), pontua ainda que a entrada das mulheres tatuadas nos espetáculos de circo, o show de aberrações que até então proliferava,

cede lugar à beleza. Normalmente casadas com tatuadores, elas têm a função mais de encantar do que chocar.

De acordo com Giordano e Bueno (2002), ao realizarem estudo para demonstrarem os perigos das DSTs em penitenciárias femininas, afirmam que algumas detentas demonstram esse sentimento de pertencimento de forma bastante enfática:

Segundo os autores “Quase metade dos sujeitos (11), informou que seus companheiros, alguns com os quais teve filhos – encontravam-se presos ou mortos em detrimento de práticas criminais.” O estudo de Giordano e Bueno (2002), é corroborado pelo documentário “se eu não tivesse amor” do ano de 2008, que discute a questão sobre os motivos que levam as mulheres à condição de detenta, que na grande maioria foram sentenciadas por terem infligido o Art. 12 do Código Penal Brasileiro, crime hediondo referente ao tráfico de drogas. Porém elas são mulheres, detentas, tatuadas, têm amor, e aos quais demonstram pertencer.

Figura 5- seio de detenta com tatuagem



Extraído integralmente de Giordano e Bueno (2002).

A figura 5 mostra tatuagem em mama feita pelo parceiro da detenta, esta feita ainda na residência do casal, utilizando técnica e material inadequado, como é visivelmente mostrado através da foto.

Figura 6 - Mão de detenta tatuada com o nome do parceiro



Extraído integralmente de Giordano e Bueno (2002).

Na figura 6 observa-se a tatuagem nos dedos de uma detenta, que foi feita pela própria, no interior da prisão, utilizando agulha de costura e tinta nanquim. As letras unidas compõem o nome do marido ILTON.

Conclusões.

O presente estudo partiu de algumas premissas: primeiro os estudos sobre gênero vêm ocupando espaço no ambiente científico; segundo a história da mulher e permeada nela, a questão do corpo e da subalternidade, por fim as tatuagens como marcas de expressão, e uma dessas marcas é exatamente o seu significado no ambiente carcerário. A multidisciplinaridade e a agregação de saberes derivados desses diversos campos, constituíram a presente pesquisa, desenvolvida também a partir da interseção de métodos mesclando pesquisa de campo, investigação documental e pesquisa bibliográfica.

Assim, constatou-se que a tatuagem permite uma diversidade de possibilidades de análise, e como cenário encontra-se o corpo como linguagem para expressar fatos e sentimentos. Historicamente, a tatuagem desde os seus primórdios, assume utilidades diversas, porém, na atualidade ela está ligada a moda, a expressão de gênero e também assume um significado peculiar dentro do ambiente carcerário.

É nesse ambiente, que se percebe o aprisionamento além do encarceramento. Ou seja, mulheres encarceradas que cometeram crimes e se encontram presas em consequência do envolvimento com traficantes de drogas (grande maioria) e também por terem sido flagradas portando drogas em visitas aos seus parceiros na prisão, estão também aprisionadas pelo pertencimento ao (a) parceiro (a). Elas marcam este pertencimento na pele através das tatuagens (ver figuras 5 e 6), assim, a tatuagem assume a representatividade do sentido de pertencimento feminino para com seus parceiros amorosos de forma intensa, dolorosa irreversível e até perigosa, uma vez que muitas vezes a tatuagem é feita dentro da cadeia utilizando materiais não apropriados e que podem representar perigo à saúde.

No entanto, nada representa impedimento para que elas sejam “marcadas” e o sentido de pertencimento está à flor da pele. Entretanto, ficam algumas indagações: essa marca de sentido de pertencimento é voluntária? Como, em que momento, e sob que circunstâncias ele acontece?

Referências Bibliográficas.

ARAUJO, Leusa. *Tatuagem *piercing* e outras mensagens do corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 11.340, de**

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em 15 de março e 2017.

BURCKHART, Thiago. **A desigualdade de gênero na sociedade brasileira.** Home page Vale do Cruzeiro, 2013. Disponível em <http://www.cruzeirodovale.com.br/>. Acesso em 10 de março de 2017.

FONSECA, A. L. P. **Tatuar e ser tatuado.** “Etnografia da prática contemporânea da tatuagem” Estudo: Experience Art *Tattoo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade.** São Paulo, Editora Unesp, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIORDANI, A.T.; BUENO, S.M.V. **Tatuagens e a vulnerabilidade das DST-AIDS em mulheres detentas.** Disponível em: <http://www.dst.uff.br//revista14-5-2002/Artigo1%20-%20Tatuagens%20e%20a%20vulnerabilidade%20as%20DST-AIDS.pdf>

GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 7-17.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

LEITÃO, D. K. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. **Cadernos IHU Ideias,** Rio Grande do Sul, v. 2, n. 16, 2004. Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1163186745.46pdf.pdf>

MARQUES, T. **O Brasil tatuado e outros mundos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

OSÓRIO, A. **O gênero da tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro.** Tese (Doutorado) - INSTITUIÇÃO, CIDADE, 2006

RIBEIRO T. L.; PINTO, V. M. R. **A tatuagem no submundo do crime: uma linguagem codificada.** Seminário de Iniciação Científica Só Letras – CLC-UENP/CJ, 2013.

SILVA, Gabriela Farias. Primitivismo contemporâneo: o corpo como objeto da arte. **Revista Digital do LAV,** v. 2, n. 2, p. 196-216, 2010. Disponível em: http://www.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/primitivismo.pdf. Acesso em 12 de março de 2017

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 14 ed. São Paulo: Atlas, 2013

ZANINI, W (coordenação). **História Geral da Arte no Brasil.** São Paulo: Instituto Walter Moreira Sales, 1983.